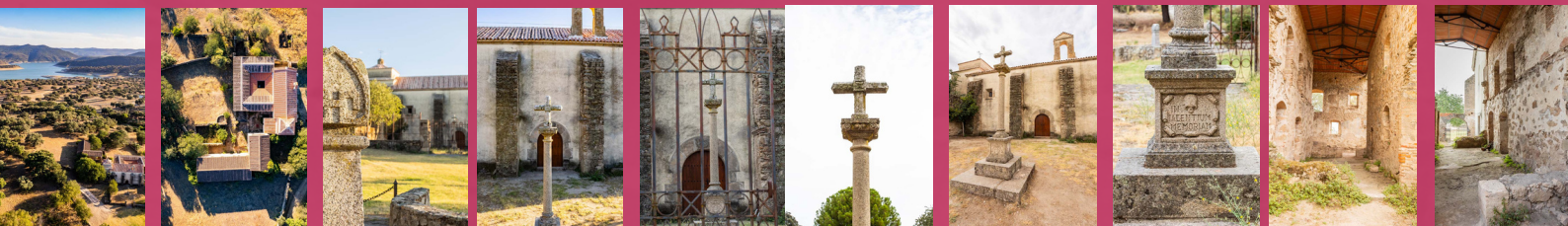


HISTÓRIA DE UM CONVENTO E DE UM GRANDE ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Para compreender a sua história e a importância de tal construção, é necessário falar primeiro sobre a ordem franciscana. Dentro desta ordem havia um grupo de frades que, durante anos, defendiam ideias de renovação espiritual. Este grupo era conhecido como os descalços e se caracterizava pela sua austeridade, pelos seus sacrifícios e severas penitências, com as quais pretendiam imitar a vida de Cristo para alcançar a perfeição espiritual e a graça divina. As suas ideias não só provocaram uma reestruturação dentro da ordem ao longo do tempo, como também se espalharam rapidamente por outras ordens e setores da Igreja, causando desconforto no clero do final do século XV, que havia atingido um alto grau de relaxamento e corrupção.



Três desses frades, cansados de serem tratados e perseguidos como hereges, decidiram estabelecer-se num local famoso na época pela sua devoção e peregrinação. Esse lugar era a ermida de Nossa Senhora do Berrocal, onde, no ano de 1500, Frei Martín de Valencia, Frei Pedro Mártir e Frei Juan Suárez viveram como eremitas. Os senhores de Belvís, Dom Francisco de Monroy e sua primeira esposa, Dona Francisca Enríquez, doaram um terreno aos frades e custearam a construção do futuro convento. As obras começaram em 1505 e foram concluídas em 1509. Frei Martín de Valencia foi instituído como o primeiro vigário daquela casa, o número de frades foi limitado a oito, suas vestimentas foram regulamentadas, e ficou estabelecido que andariam descalços, não pediriam vinho nem peixe, não receberiam ouro, seda ou prata, e não aceitariam missas.

OS DOZE APÓSTOLOS DO MÉXICO



Frei Martín protagonizaria um dos acontecimentos mais importantes para este convento, para a ordem e para a história da Estremadura. Trata-se da expedição e evangelização da Nova Espanha. Em 1519, Hernán Cortés desembarcou nas terras de Yucatán e, horrorizado com o que viu e sendo um homem muito religioso, pediu com urgência ao rei Carlos V a evangelização daquelas terras. Foi em 1523 que se decidiu que seriam os franciscanos da província de São Gabriel — à qual pertenciam esses frades descalços — que partiriam para a Nova Espanha. Os nossos doze frades partiram do convento em novembro de 1523 e chegaram ao território mexicano em 13 de maio de 1524. Esses doze entrariam para a história como os DOZE APÓSTOLOS DO MÉXICO. Lá, fundaram cidades, conventos e escolas, realizando um importante trabalho tanto educacional quanto espiritual, com destaque para as ações desenvolvidas na cidade de Huejotzingo, que se tornou cidade-irmã do nosso município em 1991.

A HISTÓRIA DE UMA RESTAURAÇÃO.O CONVENTO NA ATUALIDADE

Após o abandono oficial do convento de São Francisco por Decreto Real de 25 de julho de 1835, o saque, a natureza e o esquecimento fizeram seu trabalho, deixando apenas as evidências de suas ruínas.

Em outubro de 1986, realizou-se em Guadalupe o congresso “Franciscanos extremenhos no Novo Mundo”, para o qual foram convidadas as autoridades municipais da vila de Belvís de Monroy, já que o nome de seu convento, “do Berrocal”, foi mencionado repetidamente devido à sua ligação com a primeira missão evangelizadora em terras mexicanas, conhecida como a dos Doze Apóstolos do México.

A partir desse momento, a memória histórica daquela instituição foi recuperada para Belvís e para a Estremadura. O edifício passou a ser de propriedade pública, e no início de março de 1991 começaram as obras de restauração das ruínas, segundo um projeto oficial dividido em cinco fases. A primeira consistiu na remoção de entulho e limpeza de todo o conjunto, assim como na reconstrução total da igreja e da sacristia.



Esses primeiros trabalhos foram realizados em duas frentes: além da empresa contratada pela Junta da Estremadura, proprietária do imóvel, a Câmara Municipal de Belvís de Monroy aproveitou o projeto de restauração para integrar o programa de escolas-oficina, conseguindo a criação da Escola-Oficina São Francisco I (1991–1994), que contou com quatro módulos (jardinagem, alvenaria, cantaria e forja). Alunos e instrutores se encarregaram, entre outras tarefas, da limpeza dos escombros, melhoria do espaço e construção ou reposição de elementos como cruzeiros, grades e luminárias.

A maior parte da obra foi executada por uma empresa privada não especializada nesse tipo de trabalho, seguindo as diretrizes de um projeto agressivo e pouco respeitoso com os restos conservados e os dados históricos conhecidos, priorizando a reconstrução em vez da restauração. Ainda assim, os trabalhos foram concluídos com êxito, e a igreja, juntamente com a sacristia, foi reabilitada.

A segunda fase da obra concentrou-se na reconstrução total do claustro interno — sem dúvida, o elemento mais atraente, simbólico e delicado de todo o conjunto — tarefa realizada inteiramente pela equipe da Escola-Oficina São Francisco II (1995–1997), que incluiu também um módulo de carpintaria.



Em 2024, a Fundação Yuste e a Real Academia da Estremadura de Letras e Artes, em estreita colaboração com a Câmara Municipal de Belvís de Monroy, comemoraram o 5º centenário da partida dos Doze Apóstolos que saíram de Belvís de Monroy rumo às terras mexicanas, com a realização do congresso internacional “Os franciscanos na América Hispânica: revisão e interpretação do legado dos Doze Apóstolos do México”, celebrado de 21 a 26 de outubro em Guadalupe, Cáceres e Belvís de Monroy.